



## Apresentação

LUÍS CORREIA DE SOUSA\* | PAULO F. DE OLIVEIRA FONTES\*\*

\* Instituto de Estudos Medievais (IEM - FCSH/NOVA)

\*\* Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR-UCP)

Os estudos reunidos neste volume resultaram dos trabalhos apresentados no colóquio internacional *A Bíblia Medieval – Do Românico ao Gótico (séculos XII-XIII), textos e imagens, produção e usos*, realizado em Lisboa, na Biblioteca Nacional de Portugal, a 3 e 4 de Novembro de 2015, encerrando um projeto de investigação centrado nas Bíblias portáteis do século XIII<sup>1</sup>. O encontro foi organizado pelo Instituto de Estudos Medievais – FCSH / NOVA, em parceria com o Centro de Estudos de História Religiosa, o Centro de Estudos de Religiões e Cultura Cardeal Höffner, ambos da UCP, e o Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, e reuniu um prestigiado grupo de investigadores internacionais em domínios tão distintos como a Antropologia, Teologia, História, História da Arte e Codicologia. O leque plural de áreas de estudo permitiu uma abordagem bastante alargada sobre a temática em questão, confirmando ser um universo de estudo bastante vasto, que reclama e justifica uma reflexão permanente sob os mais distintos pontos de vista.

Na longa história da Bíblia, as décadas finais do século XII e as primeiras da centúria seguinte revelaram-se de particular importância, desde logo pelo significativo incremento da produção de manuscritos bíblicos nas primeiras décadas do século XIII, tendo-se assistido a uma das mais importantes alterações na aparência e dimensão física deste «Livro». Pela primeira vez, de forma sistemática, reuniram-se todos os textos bíblicos num único volume, de tamanho reduzido, de modo a ser facilmente transportável e manuseável. Esta alteração, como se pode adivinhar, exigiu a tomada

1 Estudo de Pós-Doutoramento, financiado pela FCT, “Bíblias portáteis francesas do século XIII. Estudo iconográfico, codicológico e textual.” (Ref: SFRH/BPD/78844/2011), desenvolvido no Instituto de Estudos Medievais (IEM-FCSH/NOVA).

de importantes decisões, relativamente à organização dos diversos textos, e provocou profundas mudanças em todo o processo de produção de manuscritos, provocando uma autêntica revolução neste domínio. A novidade desta expressão material traduzia também uma mudança de atitudes e comportamentos, nomeadamente no que se refere ao acesso à Bíblia por parte de novos círculos culturais e setores sociais, não eclesiásticos. Associados à criação e desenvolvimento das Universidades europeias, nomeadamente Bolonha, Paris e Oxford, os novos manuscritos conheceram então uma assinalável divulgação, motivando o surgimento de novas atividades e profissões ligadas ao universo livreiro. Para toda esta dinâmica de proliferação e divulgação das bíblias portáteis, algumas, pelas suas reduzidas dimensões, designadas “bíblias de bolso”, contribuíram distintos fatores, como o significativo aumento da população, o aumento da comunidade de leitores, a alteração de práticas de leitura que, com o desenvolvimento das Universidades, favorecem a leitura privada dos textos, assim como o desenvolvimento urbano. O surgimento das ordens mendicantes e a sua urbanização, com particular importância para os Dominicanos e os Franciscanos, que tiveram significativa preponderância no ensino na Universidade, contribuíram, não só para o aumento exponencial da comunidade de leitores, estudantes e mestres como nunca antes se tinha verificado, ampliando, naturalmente, o mercado livreiro, mas também encetando novos usos dos textos. A Bíblia deixou então de ser um livro de aparato, de uso comunitário, assumindo uma função essencialmente utilitária, quer no seio das universidades, quer entre as comunidades religiosas referidas, com o crescente envolvimento de leigos.

Uma das repercussões mais notórias desta mudança foi o aparecimento de ateliers laicos, devido à manifesta incapacidade dos *scriptoria* eclesiásticos, até então produzindo basicamente para consumo interno, em responderem à procura crescente de livros. Assim, embora continuassem a manter o controlo sobre a produção, a atividade expandiu-se e saiu, definitivamente, da exclusiva esfera eclesiástica. A produção de manuscritos em grande quantidade, requereu, então, a participação de um avultado número de especialistas naquele domínio: pergaminheiros; escribas ou copistas profissionais, verdadeiros especialistas da cópia, que poderiam ser clérigos ou, por vezes, estudantes que recorriam a essa atividade para prover o seu sustento, reproduzindo textos fornecidos pelos livreiros, «o exemplar», geralmente um caderno, *a pecia*; os rubricadores, que inseriam as capitulares e as rubricas iniciais dos livros; e os iluminadores, para as imagens mais complexas, entre outras profissões. Todo o processo decorria sob a orientação e superintendência dos mestres da Universidade ou das instituições eclesiásticas, que asseguravam a correta implantação dos modelos, supervisionavam as cópias e as correções. Em termos de organização do volume, a ordem dos livros foi fixada, os textos foram meticulosamente revistos, sendo divididos

em capítulos e numerados - como ainda hoje se apresentam -, os fólhos foram drasticamente reduzidos, o texto era apresentado regularmente em duas colunas, sendo usada, por vezes, uma escrita microscópica. Registaram-se os títulos dos livros na margem superior, iniciais a vermelho e azul, alternadamente, assinalavam o começo de cada capítulo. Letras ornadas e historiadas marcavam o início dos textos e dos prólogos, contribuía para a organização do códice e para orientação do leitor, ajudando-o a identificar rapidamente qualquer passagem dos textos. Os programas iconográficos tornaram-se frequentes, desenvolvidos no interior das iniciais que abrem os livros e, por vezes, os prólogos.

O novo formato destas bíblias contribuiu grandemente para o alargamento do leque dos seus destinatários. Ferramenta de particular valia para clérigos, as bíblias portáteis foram também muito procuradas por leigos, nobres ou elementos da burguesia, para uso privado, nomeadamente enquanto expressão da emergência de uma nova religiosidade vivida, ou como objeto que reunia valor material e simbólico, mas também como sinal de erudição. Em meados do século XIII, as bíblias portáteis eram o tipo de livro mais frequentemente iluminado no contexto parisiense.

Parte da herança cultural do Ocidente, estes códices são testemunhos eloquentes da história social e intelectual da Idade Média europeia e elementos relevantes para o reconhecimento identitário das instituições que os acolheram e personalidades que promoveram a sua produção e circulação. Associados a novos meios de cultura e a novas funcionalidades de leitura, assumem, por isso, renovada importância. A noção de “portabilidade”, desenvolvida no âmbito dos estudos de cultura e nos estudos de religião, oferece hoje novas pistas de observação e de estudo dos objetos considerados sagrados no interior das diversas tradições religiosas, como aconteceu com a Bíblia. Tais aproximações explicam o uso do plural no título dado a este dossiê: “Heranças e usos da Bíblia medieval”.

\* \* \*

Os aspetos de mudança acima mencionados, registados na transição para o século XIII, são sintetizados por Chiara Ruzzier no primeiro artigo publicado neste dossiê: “Des bibles géantes aux bibles portatives”, no qual se sublinha a importância e pertinência dos estudos que interessa continuar a realizar neste domínio, traçando um mapa quanto às origens de um *corpus* significativo de manuscritos, e dispensando ainda outros dados do maior interesse. Matthias Tischler, por sua vez, em “The biblical tradition of the Iberian peninsula from the Eighth to the Twelfth centuries seen from a typological standpoint” apresenta uma interessante investigação sobre o legado ibérico no que diz respeito à produção de manuscritos bíblicos em período anterior às bíblias portáteis. Sobre a problemática das bíblias românicas debruça-se ainda

Xavier Van Binnebeke no seu texto “French romanesque bibles in Portugal. The *Codex Capituli Ecclesiae B. Mariae Vernonensis*”, em que investiga sobre dois códices vindos de França conservados na Biblioteca da Ajuda e que se encontram entre os manuscritos mais antigos preservados em Portugal e que até agora teriam escapado à atenção dos investigadores, dedicando particular atenção ao estudo das suas iluminuras.

O contexto que fez surgir as pequenas bíblias no século XIII é apresentado por Patricia Stirnemann no texto “La naissance de la Bible du 13<sup>e</sup> siècle”, acentuando a importância do papel de algumas figuras da aristocracia na sua produção. Recuando até aos anos 40 do século XII esta autora refere ter sido Chartres o epicentro deste fenómeno, a propósito da produção de duas cópias da Bíblia, uma para Bernardo de Claraval e a outra para Thibaut, conde de Champagne, sendo que, a partir daí, as cópias se vão multiplicar. A questão do acesso e difusão aos textos da Sagrada Escritura, assim considerada na tradição cristã, assume particular relevância a partir do momento em que se procura a sua disseminação nas línguas vernáculas. Neste domínio Akiko Komada, em “La première génération de la Bible française du XIII<sup>e</sup> siècle” chama a atenção para os primeiros esforços em obter uma versão da Vulgata em francês, no século de 1200, apresentando a Bíblia *Cod. CXXIV/1-1*, da Biblioteca Pública de Évora, como exemplar mais antigo e um dos mais fiéis ao texto original.

Em “Migrations de la Bible, du latin au français. Les Livres des Rois aux XII<sup>e</sup> et XIII<sup>e</sup> siècles, de Paris à Saint-Jean d’Acre”, Guy Lobrichon propõe-nos uma fascinante reflexão e uma abordagem distinta da importância dos textos sagrados. Partindo dos quatro Livros dos Reis e da problemática da tradução medieval para francês, chama à atenção para a influência destes textos na formação da ideologia política medieval a partir da forma como as elites culturais, não eclesiásticas, os entendem. Por seu lado, o estudo de Laura Light, “What’s was the Bible for? Liturgical texts in thirteenth-century Franciscan and Dominican Bibles” aponta para os novos usos desta tipologia de manuscritos bíblicos do século XIII, realçando os indícios da adaptação das bíblias portáteis ao uso litúrgico (incluindo bíblias-missais, bíblias-breviários, listas de leituras das missas e indicações de leitura para o Ofício divino), sugerindo assim novas pistas para a investigação acerca dos usos dos textos bíblicos, para além da meditação e da pregação.

Em torno do tema da portabilidade da Bíblia, mas já no quadro da época contemporânea, o dossiê inclui dois outros artigos: um intitulado precisamente “A portabilidade da Bíblia a uma nova escala: a Sociedade Bíblica e o projeto de universalização das Escrituras (séc. XIX)”, de Rita Mendonça Leite; e “O sagrado portátil: Perspetivas antropológicas” de Alfredo Teixeira, onde se procura uma aproximação compreensiva às qualidades da portabilidade do sagrado.

O dossiê integra outros dois textos relativos ao estudo de manuscritos medievais: “Codices bíblicos del taller de *Magister Raimundus* en Vic (Cataluña) de Isabel Escandell Proust, onde se defende a ideia de que o códice bíblico em francês do século XIII foi também produzido naquela oficina na Catalunha; e “Notas sobre a Bíblia Sacra de Évora (BPE CXXIV/1-3)” de Horácio Augusto Peixeiro, onde se enquadra a produção da iluminura desta Bíblia italiana na produção bolonhesa do século XIII.

Encerrando-se com esta publicação o projeto referido, deixamos registado uma palavra de enorme gratidão a todos os que, de alguma forma, nele participaram. Um agradecimento particular aos autores que deram um inestimável contributo para a realização do colóquio e nos confiaram os seus textos para que fossem agora disponibilizados e abertos ao escrutínio do público em geral.